

O mundo e a sala de aula: experiências no estágio supervisionado I

João Artur Rodrigues Fernandes



1

Este relato apresenta algumas observações e reflexões acerca de como trabalhar os aspectos da vida social em sala de aula pode ser pertinente no processo de ensino-aprendizagem, promovendo ricas discussões para e entre os estudantes. As observações e as reflexões aqui apresentadas são resultado da prática de estágio supervisionado de formação de professores I, ministrada para o curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O campo de estágio, por sua vez, foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – campus Parnamirim. O campus está localizado na região metropolitana de Natal, capital do estado, e oferece cursos nas seguintes modalidades: 1. nível médio técnico integrado (Informática e Mecatrônica); 2. nível técnico subsequente (Redes de Computadores e Mecatrônica); 3. nível superior (Sistemas para Internet e Formação Pedagógica de Docentes para a Educação Profissional e Tecnológica); 4. Pós-Graduação (Ensino de Ciências Naturais e Matemática e Ensino de Teatro). O foco do estágio supervisionado I é observar e refletir sobre a instituição escolar, compreendendo as estruturas materiais e socioeconômicas, o perfil dos discentes e dos docentes, o projeto político pedagógico e os aspectos que tangem à gestão escolar, e as observações destacadas neste trabalho foram realizadas em uma turma de quarto ano do ensino médio integrado, sob a supervisão da professora de Língua Espanhola.

Durante o estágio, entre as observações constatadas no acompanhamento das aulas

de Espanhol, foi possível fazer um destaque no que diz respeito a um exercício muito comum na prática docente da supervisora: a promoção de discussões em sala de aula tendo como tópico de problematização algum evento recente ocorrido no contexto social. Assim, por meio dessa abordagem, a professora conseguiu trazer situações que estavam em alta no país e no mundo e apresentar aos alunos, discutindo com eles, algumas questões sobre a respectiva temática. Isso se mostrou uma metodologia bastante relevante não só ao meu ver, mas também ao dos alunos, uma vez que, por estabelecer uma relação com o cotidiano, as discussões contaram, espontaneamente, com a participação e com o engajamento dos discentes.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987) defende a relação entre o homem e o mundo como propulsora para a determinação de um currículo com conteúdos programáticos a serem trabalhados em prol de uma educação libertadora, posto que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política” (Freire, 1987, p. 49). Nessa perspectiva, é necessário que o educador não só apresente uma situação pertinente para uma possível discussão, mas problematize-a, propondo “[...] através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (Freire, 1987, p. 49). Desse modo, a educação não é mera-

mente passiva e bancária, mas, longe disso, solicita uma resposta do alunado, de modo que o que é apresentado e discutido em sala de aula deixa de ser algo desvinculado de sua vida, passando, por outro lado, a se mostrar intrinsecamente conectado à sua realidade, ainda mais ao problematizar aspectos sociais que precisam ser superados.

Tais discussões, portanto, são extremamente necessárias, principalmente levando em conta o fato de que o homem é um ser histórico e, como tal, pode transformar-se e transformar o mundo em que vive. Nesse ínterim, as ações humanas compreendem não só o criar, mas também *o refletir e o transformar*. Por isso, colocar em pauta questões do mundo, que, por vezes, parecem nem estabelecer quaisquer conexões com o conteúdo programático previsto para ser trabalhado em aula, é um caminho possível para promover as reflexões e, quem sabe, as transformações tão indispensáveis para a nossa sociedade.

Dessa forma, tendo em vista que a relação entre o ser humano e o mundo em que vive é indissociável, a educação, enquanto mecanismo de preparação para a vida e para o mundo, não pode fantasiar a realidade e ignorar a existência de tal relação, sobretudo quando se leva em conta que não há “[...] possibilidade de dicotomizar o homem do mundo, pois que não existe um sem o outro” (Freire, 1983, p. 17). A partir disso, neste trabalho, são elencados dois momentos em que as situações do mundo adentraram a sala de aula e foram incorporadas ao assunto da disciplina, possibilitando discussões sobre temáticas que, apesar de essenciais, muitas vezes, deixam de re-

ceber a relevância que merecem.

A primeira situação ocorreu em uma aula do mês de abril, na qual, em alusão ao mês indígena, a professora levantou algumas questões quanto à importância dada pelos países latinoamericanos a suas línguas originárias, chamando atenção, nessa perspectiva, para a divergência no tratamento prestado pelo Brasil se comparado aos demais países da América Latina. Assim, foi evidenciado que, mesmo que a língua oficial do Brasil, o português brasileiro, seja carregada de influências de diversas línguas indígenas, o tratamento dado pelo país, até mesmo para promover a preservação dessas línguas, é, ainda hoje, muito deficiente. A professora ainda apresentou, em contrapartida, que outros países sul-americanos têm não só a preocupação de preservar as culturas e, conseqüentemente, as línguas de seus povos originários, mas também de inseri-las no dia a dia de seus habitantes, a exemplo do Paraguai, que tem, como línguas oficiais, o espanhol e o guarani (língua indígena do povo guarani). Ainda, pegando o gancho da discussão, a professora problematizou o uso do termo pejorativo “índio”, pensando no famigerado 19 de abril, o “dia do índio”, que, em decorrência da articulação dos movimentos indígenas organizados, passou a ser o “dia dos povos indígenas”. No entanto, apesar da reivindicação dos povos indígenas acerca dos termos pelos quais querem ser designados, a utilização do termo “índio” e de outros termos ultrapassados ainda é bem comum. Isso acontece, inclusive, em virtude de muitas pessoas não terem conhecimento em relação ao(s) termo(s) mais adequado(s). Por isso, é im-

prescindível que essas discussões sejam proporcionadas em sala de aula, pois, além de possibilitarem uma troca pertinente de conhecimentos, contribuindo para o senso crítico dos alunos, colaboram com o combate ao racismo sofrido pelos povos indígenas.

A segunda situação, por sua vez, ocorreu em uma outra aula. Nessa ocasião, também foi trabalhada a questão do racismo, porém agora em decorrência dos ataques racistas sofridos por um jogador brasileiro de futebol, o Vinícius Júnior, na Espanha. Tendo em vista essa situação que teve repercussão mundial, a professora decidiu tratar com os alunos a questão do racismo sofrido pelo jogador, apontando como certos países, tidos historicamente como “civilizados” e “de primeiro mundo”, podem ter habitantes que agem de forma tão ignorante e preconceituosa. Como havia alguns fãs de futebol na turma, a discussão se tornou ainda mais próxima dos alunos, uma vez que, por acompanharem assiduamente o mundo dos esportes, já conheciam o jogador e as equipes das quais ele fez parte. Em vista disso, a supervisora aproveitou para apresentar e refletir o papel do professor como um formador de opiniões, de consciências, destacando que, por esse motivo, é de extrema importância propiciar discussões sobre temáticas tão relevantes como a que estava sendo discutida na aula.

Em suma, as aulas observadas, bem como as suas reflexões e discussões, são bastante significativas, se não para promover a tão esperada transformação social, ao menos para nos aproximar dela. No dia a dia dos professores, por vezes, pode não haver tempo ou sequer criatividade para

trazer tais abordagens para a sala de aula, além do mais de forma adequada. Entretanto, não se pode negar que, quando o que está sendo proposto se aproxima da vida dos estudantes, a aprendizagem se torna mais significativa para eles. O fazer docente da professora supervisora, dessa maneira, condiz com o que é proposto pelo Projeto Político Pedagógico do IFRN (2012, p. 8), que, no que diz respeito à oferta de uma educação pública, gratuita e de qualidade, não se preocupa apenas com a formação técnica e acadêmica dos estudantes, mas “[...] com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, à transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais”. Nesse sentido, o ensino de línguas, tanto de língua materna quanto de língua(s) estrangeira(s), proporciona inúmeras discussões acerca da realidade social, dado que a língua é um instrumento para se colocar no mundo e, por essa razão, o seu ensino implica também o conhecimento de aspectos socioculturais da vida de seus falantes. Portanto, notar questões como as observadas nas aulas permite que nós, professores em formação, continuemos “esperançando”, principalmente quando se acredita em uma educação que rompe os muros da escola e se efetiva na vida, no cotidiano, partindo do entendimento de que “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 1967, p. 39).

Referências

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Organização Didática do IFRN. Natal: IFRN, 2012. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/documents/2438/OrganizacaoDidatica_2012_versaoFINAL_20mai2012.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.